

## (RE) CONHECENDO AS TRAMAS DA RELAÇÃO INDISCIPLINA/VIOLÊNCIA-ESCOLA.

<sup>1</sup>S. N. FERREIRA; <sup>2</sup> D. O. da NÓBREGA.

Artigo submetido em Jul/2018. Aceito em Set/2018. Revisado em Nov/2018. Publicado em Jan/2019.

**RESUMO:** Esse trabalho versa sobre a importância de (Re)conhecer as tramas que envolvem a relação indisciplina/violência-escola. Trata-se de um relato sobre as experiências de uma prática pedagógica interventiva desenvolvida por meio de um curso de extensão, com professores da rede municipal da cidade de Palmeira dos Índios/AL. O objetivo principal foi proporcionar espaços para a discussão sobre violência e indisciplina na escola, contribuindo para a construção de conhecimentos e estratégias que ajudem a prevenir ou lidar com essa realidade. O enfoque metodológico pautou-se na pesquisa qualitativa, buscando intervir na realidade sob a luz da Teoria das Representações Sociais. Como resultados tivemos uma reflexão inicial sobre a indisciplina e violência na escola, seus conceitos, causas e formas de manifestação; a promoção de intercâmbios de conhecimentos entre os profissionais, com a ênfase nos saberes e práticas construídos pelos mesmos ao longo de sua vivência profissional; a apresentação inicial de teorias e estratégias pensadas em estudos e pesquisas científicas e; a exposição de sentimentos relacionados à indisciplina e violência escolar, com a possibilidade de catarse de angústias, medos, tristezas, indignações, entre outros.

**PALAVRAS-CHAVE:** Indisciplina escolar. Violência escolar. Formação docente.

## (RE) KNOWING THE TRAPS OF THE INDISCIPLINA / VIOLENCE- SCHOOL RELATION.

Article submitted Jul / 2018. Accept Sep / 2018. Revised Dec / 2018. Posted Jan / 2019.

**ABSTRACT:** This paper discusses the importance of (re) learn the plots involving the relationship between discipline / school violence. This is a report on the experiences of a pedagogical practice interventional developed through an extension course, with teachers of the municipal town of Palmeira dos Índios / AL. The main objective was to provide space for discussion on violence and indiscipline in schools, contributing to the construction of knowledge and strategies to help prevent or deal with that reality. The methodological approach was based on qualitative research, seeking to intervene in reality in the Theory of Social Representations. As a result we had an initial reflection on the discipline and violence in school, their concepts, causes and forms of expression, the promotion of exchanges of knowledge among professionals, with emphasis on knowledge and practices constructed by the same throughout his professional experience; the initial presentation of theories and strategies in thought and scientific research and studies, exposure of feelings related to indiscipline and school violence, with the possibility of catharsis of anguish, fear, sadness, indignation, among others.

**KEY WORDS:** Indiscipline school. School violence. Teacher training.

<sup>1</sup> Universidade Luterana do Brasil (ULBRA). E-mail: silveriaferreira@ig.com.br

<sup>2</sup> Professora Assistente 1 da Universidade Federal de Alagoas (UFAL). E-mail: dani.nobrega@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Esse trabalho versa sobre a importância de (Re)conhecer as tramas que envolvem a relação indisciplina/violência-escola, levando-se em conta que seu objetivo não é abarcar todas as nuances da temática em questão, mas servir como um instrumento norteador para o melhor entendimento sobre as “vivências de indisciplina e violência” que se refere às situações vivenciadas no cotidiano das escolas e que reflete e interfere na prática do professor.

Como bem sabemos, o cenário escolar ao longo dos anos vem se modificado com veemência, desde que houve a ampliação do ensino na educação básica. As mudanças ocorrem ao nível estrutural, organizacional e pedagógico, assim como no tocante às relações, sejam elas institucionais ou aquelas que dizem respeito ao professor e ao aluno.

A relação professor-aluno não é percebida como a mesma que ocorria há décadas atrás. Concordamos com Freitas (2011, p. 3) quando argumenta que “[...] Muitos professores ainda possuem uma visão romanceada de suas práticas, vinculando-as a ideais inatingíveis em nossos tempos, diante do confronto com tantos desafios que permeiam o cotidiano da educação [...]”. Quando essa visão romanceada se defronta com a realidade do dia a dia, o professor vivencia e experimenta os desamores e dissabores de sua profissão. Desamores e dissabores estes, que dão origem a experiência que relataremos no decorrer de nosso texto.

Para um melhor esclarecimento ao leitor, este texto, trata-se de um relato sobre as experiências de uma prática pedagógica interventiva desenvolvida por meio de um curso de extensão. O presente curso nasceu de nossa experiência de Estágio Básico em Psicologia Escolar/Educacional em uma escola da rede municipal da cidade de Palmeira dos Índios/AL, no período de 2009.2.

Durante o estágio, as impressões que tivemos da realidade escolar ao conversar (por meio de entrevista e conversas informais) com seus atores (professores, coordenador pedagógico, alunos, gestor, entre outros) foram: que neste mesmo espaço educacional as queixas sobre falta de limites, desrespeito na sala de aula e desmotivação dos alunos eram gritantes. Era notória a percepção de professores cansados e estressados, com sentimentos de impotência e frustração. Ouvimos muitos discursos repletos de interrogações e com o mínimo de respostas entre elas. Logo, foi lançada uma hipótese, a saber, das necessidades na escola: proporcionar um minicurso para os professores, buscando ressignificar a ideia de violência e indisciplina, além de sua auto-estima e motivação para o ensino, apoiando-os em assuntos relacionados ao processo de ensino e aprendizagem, bem como buscar estratégias que ajudem a

lidar com a problemática da violência. É aqui que nasce nosso minicurso, que provoca, mobiliza e transforma, respectivamente, nossos sentimentos e prática.

Neste estágio, foi observado no lócus do estágio, a demanda por provocar na escola uma discussão maior sobre violência e indisciplina escolar. É, pois, a partir dessa demanda que surge a proposta em tela, cujo objetivo é proporcionar espaços para a discussão sobre violência e indisciplina na escola, contribuindo para a construção de conhecimentos e estratégias que ajudem a prevenir ou lidar com essa realidade. Em síntese, nosso relato de experiência trata de um curso voltado aos educadores da Secretaria Municipal de Educação de Palmeira dos Índios/AL, cujo intuito foi promover espaços em que os professores pudessem falar sobre sua atuação frente ao que espera vivenciar em sala de aula e suas dificuldades ao lidar com essas vivências que por vezes o desafia.

A relação inicial com alguns desses educadores foi sendo desenvolvida por uma das proponentes, durante um estágio realizado na instituição de ensino, em que eles trabalhavam. A partir desse contato inicial e, de seu aprofundamento, foi possível articular a comunidade docente para integrar-se ao curso explicitado ao longo da experiência ora relatada.

Como estratégia para solução da problemática vivenciada pelos educadores, buscamos a participação dos docentes nesse curso, uma vez que são eles os profissionais que estão em contato direto com os discentes, público maior atingido por essa problemática social. Ao voltarmos nosso olhar aos professores, objetivamos um apoio pedagógico em formação, sendo assim, propomos neste projeto, afetar os educadores para que os resultados fossem refletidos no alunado.

É importante salientar que a formação continuada, sendo aqui restrita a dos profissionais da educação, principalmente professores, é um processo que se constrói mediante a reflexão de todo contexto teórico, prático-metodológico desenvolvido pelo docente e visa melhorar o processo de ensino e aprendizagem. Ela vem a ser de suma importância à medida que consegue viabilizar na prática, temáticas que são, teoricamente, analisadas e não, necessariamente, que tragam novas informações.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO

A formação continuada é uma formação docente, como nos diz Schön baseada numa prática docente reflexiva. É um processo que vem adentrando a vida dos profissionais da educação, com o objetivo de apoiar sua prática, bem como subsidiá-la, compreendendo-o, pois,

no seu sentido ontológico e epistemológico. Schön (2000) defende que quando o profissional conversa com a situação e a ouve, ele consegue verbalizar seus próprios processos de reflexão.

Novóia (1992, p. 25), afirma que:

A formação continuada deve estar articulada com o desempenho profissional dos professores, tomando as escolas como lugares de referência. Trata-se de um objetivo que só adquire credibilidade se os programas de formação se estruturarem em torno de problemas e de projetos de ação e não em torno de conteúdos acadêmicos.

Ficou evidente para nós, a importância de inter-relacionar a teoria ao contexto da escola, com o intuito de tornar a instituição um local de discussões reflexivas sobre qual o trabalho deve ser oferecido para obtenção da meta social proposta por esta, junto a seus diversos atores sociais. A preocupação sobre as ações que poderão ser tomadas para o desenvolvimento de um trabalho reflexivo e autônomo.

A Psicologia também vem contribuir na compreensão desse desenvolvimento complexo. Aqui, sendo proposta com o intuito de despertar nos professores a motivação para expressar seus sentimentos, ler, pensar, escrever, refletir e mudar a partir do seu reconhecimento como sujeito-da-história, bem como facilitar a compreensão do desenvolvimento biológico, social, afetivo e comportamental dos sujeitos, buscando conhecimentos sobre violência e indisciplina diagnosticada entre os adolescentes e sobre os processos de ensino e de aprendizagem, embora ainda exista muita resistência dos profissionais da Educação a essa ciência.

A tarefa fundamental do pensar é descongelar as definições que vão sendo produzidas, inclusive pelo conhecimento e pela compreensão e que vão sendo cristalizados na história. A tarefa do pensar é abrir o que os conceitos sintetizam, é permitir que aquilo que ficou preso nos limites da sua própria definição seja liberado. É livrar o sentido e o significado dos acontecimentos e das coisas da camisa-de-força dos conceitos (CRITELLI, 2006, p. 80).

É preciso criar dispositivos de ação e reflexão que sejam capazes de transformar o contexto atual da escola, reestruturando estratégias de atuação, fazendo com que o professor consiga ver e perceber a singularidade de cada aluno, em um diálogo constante. É necessário que o docente perceba sua importância no processo de ensino e aprendizagem, na mudança teórica e concreta da dinâmica escolar, ocupando, portanto, o papel de um agente transformador de conhecimento. É preciso transpor saberes, mobilizar a prática desses saberes e discutir as dimensões éticas, culturais e de valores. Faz-se indispensável que seja unificada à prática tradicionalista pedagógica da escola, em estudo, uma matriz psicológica que a relacione com a experiência vivencial de cada ser e não que ela seja apenas considerada como tal.

A partir dessas premissas, foi traçado um plano de ação, no qual se levantaram informações diretamente ligadas ao campo como: observações feitas a partir de fatos concretos do apoio que se ofertava aos docentes, conversas com pessoas que constituem a instituição como alunos, docentes, diretor, pais, funcionários em geral. Também se procurou estar na Escola para conhecer sua rotina e dinâmica, catalogando os pontos mais críticos da situação em que esta se encontra, com objetivo de buscar uma maior veracidade da situação levantada.

Fundamentados, então, em tais observações, propomos o presente curso, no qual buscamos realizar atividades constituídas como debates, análises de filmes, entre outras apresentadas de acordo com as necessidades que seriam ressaltadas pelos docentes no decorrer de nossos encontros. Encontros esses que estavam programados para serem realizados mensalmente, totalizando quatro encontros, tiveram de ser modificado, devido à necessidade posta pelos profissionais envolvidos. Sendo assim, o mesmo ocorreu durante um único dia, estruturado em quatro momentos.

Antes de iniciarmos nossa discussão a respeito propriamente do desenvolvimento de cada momento, para fins de visualização, organização e entendimento, explicitamos na figura a seguir, como eles foram estruturados:

Figura 1: Quadro demonstrativo da estrutura do curso.

SEQUÊNCIA DOS MOMENTOS	CONTEÚDO	OBJETIVOS	METODOLOGIA EMPREGADA	CARGA HORÁRIA	RECURSOS	AVALIAÇÃO
08:00 às 10:00	Sensibilização sobre violência e indisciplina na escola.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Ter esclarecimento de como foi pensado e estruturado o minicurso.</li> <li>Sensibilizar para temática;</li> <li>Abrir espaços para discussão acerca das principais questões sobre como a temática tem sido percebida no cenário educacional pelos seus atores.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Colagens e desenhos;</li> <li>Formação de grupos para realização das colagens;</li> <li>Tempestade de ideias.</li> </ul>	2 horas.	Lápis, cola, tesoura, papéis diferentes, giz de cera, tnt, glitter, revista, cartolina, lápis piloto, fita adesiva.	Construção de mural (frases: O que ficou de mais importante).
10:00 às 10:15	Intervalo.			15 minutos.		
10:15 às 12:15	Conceitos de violência e indisciplina na escola.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Construir conceitos sobre a temática;</li> <li>Perceber as multifacetadas do fenômeno em estudo.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Apresentação expositiva dialogada;</li> <li>Tempestade de ideias.</li> </ul>	2 horas.	Papel ofício; Lápis de cor; lápis de cera; lápis hidrocor; computador; projetor multimídia (data show).	
12:15 às 14:00	Intervalo para almoço.			1 hora e 45 minutos.		
14:00 às 16:00	Relações entre professor e violência/indisciplina escolar.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Refletir sobre a própria realidade;</li> <li>Abrir espaços para discussão.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Formação de grupos;</li> <li>Teatralização;</li> <li>Discussão e produção em grupo;</li> <li>Análise e interpretação da realidade.</li> </ul>	2 horas.	Lápis, cola, cartolina, tesoura, papéis diferentes, giz de cera, tnt, glitter, revista, roupas.	
16:00 às 18:00	Intervenções possíveis para lidar com a violência e a indisciplina na escola.	<ul style="list-style-type: none"> <li>Buscar estratégias para solucionar situações problemáticas;</li> <li>Inferir quais as possíveis habilidades que podem ser desenvolvidas para possibilitar a melhoria da prática pedagógica;</li> <li>Refletir sobre fatos, conceitos e princípios que podem visualizados sobre um prisma diferente, mediante reflexão da própria atividade, junto ao curso em participação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>Discussão e construção de estratégias;</li> <li>Avaliação.</li> </ul>	2 horas.	Aparelho de som, cd, TV, aparelho de DVD, filmes, cartolina, lápis piloto, fita adesiva.	

Fonte: Própria.

### 3 SOBRE A EXPERIÊNCIA NO CURSO.

Abaixo, explicitaremos como se desenvolveu cada um deles, seus aspectos positivos e negativos.

O primeiro momento teve o objetivo de esclarecer aos participantes como foi pensado e estruturado o curso, assim como sensibilizar para a temática, proporcionando espaços para discutir sobre a indisciplina e violência na escola. Este teve duração de 2 horas e iniciou com 10 minutos de atraso, devido à tolerância dada no aguardo aos participantes.

Inicialmente, nos apresentamos e solicitamos para que cada cursista fizesse o mesmo, embora estes já se conhecessem por trabalhar na mesma instituição de ensino. Falamos sobre como havia surgido à proposta do desenvolvimento do minicurso e como este foi pensado. Como já havia entre uma das propositoras do curso contato com algumas educadoras, devido ao estágio realizado na escola e, das educadoras entre si, o momento foi de abertura. Em seguida, propomos a formação de grupos para confeccionar cartazes acerca das impressões sobre o que é indisciplina? Cada grupo se compôs de 8 integrantes, totalizando 5 grupos. Para o desenvolvimento dessa atividade foi dado 20 minutos. Posterior a construção dos cartazes, cada equipe fez uma apresentação de 5 minutos. Após, foi aberto espaço para debate das impressões trazidas pelos grupos.

Esse momento foi muito positivo, pois atendeu aos objetivos almejados; ajudou na interação entre os membros envolvidos no curso, tanto propositoras, quanto educadores, assim como foi revelador, uma vez que mostrou por meio das apresentações e debates, as representações que os docentes tecem a cerca da indisciplina.

A indisciplina esteve à maior parte do tempo ligada a atos de incivilidade, violência e conversas em sala de aula, e apresentou o “grande vilão” causador dela, na percepção dos professores, a saber: os pais (responsáveis pelos discentes) e o discente. Esse momento remeteu-nos também aos sentimentos que são experienciados pelos docentes diante da indisciplina, como ansiedade e impotência.

Sendo assim, na fala dos docentes, pudemos perceber sua falta de defesa frente à possibilidade da violência, pois a violência e a indisciplina, no plano real, são fenômenos ainda pontuais, mas no plano psicológico, o efeito do problema multiplica-se por cinco (ESTEVE, 2004).

A indisciplina se mostra como um fenômeno presente na realidade dos professores e que desencadeia neles o estranhamento. Conforme Rego (1996, p. 85), nesse meio educacional

a indisciplina é “[...] um comportamento inadequado, um sinal de rebeldia, intransigência, desacato [...]”. A autora complementa que “o termo indisciplina refere-se ao “procedimento, ato ou dito contrário à disciplina; desobediência; desordem; rebelião” (REGO, 1996, p. 85). Essa mesma autora explica que, no meio educacional, a indisciplina tem sido vista como “qualquer manifestação de inquietação, questionamento, discordância, conversa ou desatenção por parte dos alunos” (1996, p. 85), o que nos revela uma falta de clareza quanto ao assunto.

Segundo Apolinário (2007, p. 103), “A indisciplina na sala de aula é um dos maiores vilões do tempo, interfere na aprendizagem [...]”. Ainda segundo esse autor, inicia-se na escola um jogo de empurra-empurra para achar culpados para as causas da indisciplina. Nos estudos de Rego (1996), a autora considera que são dadas várias justificativas para a indisciplina, estando elas ligadas: à má distribuição econômica do país, afirmando ser a indisciplina um reflexo da pobreza em que o sujeito se desenvolve; à família, alegando que sua desestruturação e transformação em núcleo familiar a gera; ao próprio aluno devido as suas limitações e comportamento; ao profissional docente por não desempenhar seu papel de autoridade; e ao sistema escolar, pelas discrepâncias encontradas em sua estrutura.

Quando o assunto é indisciplina, costuma-se atribuir culpa aos vários autores que permeiam o cenário escolar, seja por meio da sua atuação ou de seu contexto, tornando-os responsáveis pela existência do fenômeno. No entanto, mesmo havendo várias pesquisas apontando para possíveis causas e responsáveis pelo seu desencadeamento nas escolas, é o professor, o autor que está diretamente ligado a ela, assim como será ele o responsável pelos métodos e regras que devem tornar os atos indisciplinados em seu inverso.

O professor desenvolve seu trabalho dentro da sala de aula: “A sala de aula é a relação entre o professor e o aluno. Um encontra no outro sua identificação e, concomitantemente, sua negação, pois o professor pressupõe o aluno e vice-versa” (NOVELLI, 1997, p. 47). É nesse universo contraditório que o professor tem desenvolvido sua prática e tem experimentado vivências sobre as quais sente dificuldade em ancorar, e que sendo assim, hesita no seu fazer pedagógico. É o medo frente aquilo que se desconhece. Diante dos conflitos e do inesperado, tudo parece imprevisível; tudo pode acontecer quando o professor está na sala de aula ou até mesmo entre os muros da escola, o que se intensifica por não encontrar respaldo que subsidie sua prática. Diante disso, do medo e da aparente indiferença, que utiliza como defesa, ele vai perdendo seu olhar sensível ao ato de educar em um processo gradativo e vagaroso. Sendo que esse afastamento do aluno por si só já gera sequelas.

Os docentes experienciam a realidade com vivências em que se sentem violentados pelo outro, em que vão morrendo aos poucos, em que buscam segurança e restabelecer a



confiança de quando iniciaram suas atividades. Aqui, durante esse caminho, em que seus pensamentos entram em conflito, evidencia-se um dos vieses, da razão simbólica que propicia a perda de sua humanidade de olhar, que são as perdas na relação professor-aluno.

O docente vivencia a indisciplina como algo que não reconhece como parte integrante de seu trabalho e, por não reconhecê-lo, esse fenômeno o perturba, amedronta e intriga. Diante desse estranhamento, em uma tentativa de tornar aquilo que é estranho e perturbador em conceito pelo processo de ancoragem, parece-nos que assim como nos estudos de Denise Jodelet, os aldeões relacionam roques aos doentes mentais, em nosso trabalho o professor tem atribuído o conceito de indisciplina à violência. Ele tenta “garantir o mínimo de coerência entre o desconhecido e o conhecido” (MOSCOVICI, 2005, p. 61). Dessa tentativa de fazer uma releitura do estranhamento, parece-nos que a indisciplina foi comparada ao paradigma da categoria violência, adquirindo características dessa categoria, a exemplo dos atos violentos. O professor vai à sala de aula, receoso de que alguma coisa o aconteça.

Para que ocorra a ancoragem de um objeto, usamos como base um protótipo. O professor tem um protótipo, ou seja, um objeto em que se referencia ao se remeter à sala de aula, do que espera encontrar dentro da sala. No entanto, ao se dirigir à sala de aula, ele encontra inúmeras situações que o desestruturam por fugir de seu arcabouço de conceitos e categorizações, daquilo que determinou anteriormente como protótipo, estando o fenômeno da indisciplina entre eles.

Numa tentativa de ancorar essas circunstâncias que lhe fogem ao entendimento, os profissionais passam a fazer generalizações e/ou particularizações (MOSCOVICI, 2005) de suas vivências de indisciplina, de modo que a sala de aula passa a ter um sentido que antes não tinha para ele, tornando o fenômeno da vivência mais familiar, porém não menos perigoso do ponto de vista real ou imaginário.

Nosso segundo momento teve duração de 2 horas e objetivou construir conceitos sobre a indisciplina e violência escolar, como também perceber as multifacetadas do fenômeno em estudo. Para isso utilizamos os referenciais dos quais citamos Arroyo, Abramoway, Ratto, Rego, Souza e Apolinário.

Aproveitando a discussão anterior e o ambiente de proximidade já estabelecido entre os educadores e nós, fomos introduzindo conceitos de diversas literaturas sobre indisciplina e violência e, junto aos educadores, por meio de tempestade de ideias fomos elaborando conceitos sobre a temática. Pois, sabemos que, à medida que esse fenômeno das vivências frente à indisciplina passa a ter um nome, a ser classificado de determinada forma, há uma maior possibilidade que o professor fale sobre esse fenômeno, tornando mais fácil a expressão

dos sentimentos que ele provoca a quem o desconhecia. “É dado um sentido, ao que antes não o tinha, no mundo consensual” (MOSCOVICI, 2005, p. 68).

Foi bastante produtivo esse segundo momento, tanto para os participantes que puderam construir conceitos para indisciplina e a violência escolar, quanto para nós que pudemos amadurecer e relacionar nossos estudos teóricos aos conhecimentos e impressões que os professores tem sobre a prática pedagógica.

É relevante expor que houve um ponto negativo neste momento, que se refere ao tempo disponibilizado para sua efetivação, sendo este pouco visto a riqueza da discussão realizada sobre a temática.

Nosso terceiro momento teve como objetivo refletir sobre a própria realidade e, para isso utilizamos a técnica de teatralização. Esse momento teve a duração de 2 horas.

Inicialmente demos as instruções sobre a tarefa que deveria ser desenvolvida de teatralização. Cada grupo tinha a função de construir uma história hipotética sobre indisciplina e/ou violência escolar e dramatizá-la. Esse momento funciona como nos diria Freud, na Psicanálise, como “catarse”, que significa trazer pra fora o que está imerso, dentro do sujeito. A princípio, percebeu-se certo espanto no que se refere à atividade proposta, mas, nada que comprometesse o seu desenvolvimento.

Sempre é muito interessante perceber como a realidade se apresenta, na situação criada e no fazer de seus personagens. Houve histórias que apresentou a rigidez da gestão democrática, a omissão/empenho do professor, o não acompanhamento dos pais ao desenvolvimento do aluno, alunos que falam mal, ameaçam e destroem o patrimônio público, entre outras. Foi um momento de entrosamento, em que foi possibilitado realizar pontuações pelos próprios educadores sobre elementos que estão presentes na realidade vivida e que, por meio da dramatização, puderam ser observados e refletidos, mesmo que aligeiramente.

Em nosso último momento, tínhamos o objetivo principal de buscar estratégias que contribuíssem para lidar com as situações de violência e indisciplina na escola e teve duração de 2 horas.

Para este momento, selecionamos quatro vídeos que constituíam situações problemáticas referentes à temática, pegos por meio de noticiários e reportagens que relataram a indisciplina e violência nas escolas, mas que precisavam ser solucionadas abordando várias óticas dos diferentes atores educacionais, assim como se colocando na posição dos outros envolvidos para poder ter propostas de soluções aceitáveis e coerentes a realidade escolar.

Foi um ótimo momento, pois percebemos os integrantes do grupo participativos, refletindo, pensando o fazer pedagógico, assim como criando pontes entre teoria e prática.

Como que, decorrente do momento anterior, a fala dos educadores puderam ser fortemente evidenciadas, o que nos deixou felizes, pois isso já nos apontava um ‘feedback’ dos resultados que esperávamos alcançar. O sentir-se a vontade, demonstrado pelos educadores, para expor sua opinião sobre o que nos propomos a discutir, dava-nos indícios de que, o afetar-se por, existiu.

No momento de finalização, foi proposto que se fizesse a avaliação do minicurso, em seus aspectos positivos e negativos. Avaliou-se as atividades propostas, buscando compreender seu real alcance na instituição, bem como reorganizá-las de acordo com o desenvolvimento do curso. Foi importante, ainda, a auto-avaliação por cada sujeito envolvido, tendo por base a colaboração e construção coletiva. Nesse momento, algumas das participantes do curso externaram a importância e significado que aquele momento tinha para sua formação, assim como as proponentes agradeceram pelos espaços de discussão que foram construídos durante o dia, pela participação efetiva dos educadores.

Nosso foco, nesse curso, foi às discussões sobre as temáticas supracitadas, a partir de dinâmicas, vivências e discussões em grupo; questão evidenciada durante estágio desenvolvido na instituição por uma das proponentes, com supervisão da outra. A intenção foi permitir aos profissionais da escola oportunidade de refletir sobre o tema, aliando conhecimentos advindos do cotidiano escolar com aqueles produzidos no âmbito acadêmico. Neste sentido, o minicurso alcançou os seguintes resultados:

- Reflexão inicial sobre a indisciplina e violência na escola, seus conceitos, causas e formas de manifestação;
- Promoção de intercâmbios de conhecimentos entre os profissionais, com a ênfase nos saberes e práticas construídos pelos mesmos ao longo de sua vivência profissional;
- Apresentação inicial de teorias e estratégias pensadas em estudos e pesquisas científicas;
- Exposição de sentimentos relacionados à indisciplina e violência escolar, com a possibilidade de catarse de angústias, medos, tristezas, indignações, entre outros.

## CONCLUSÃO

Consideramos que, para um momento inicial, os resultados foram positivos. A inserção anterior ao trabalho desenvolvido, que correspondeu ao período de estágio, por uma das proponentes, foi relevante para o êxito do curso aqui descrito, pois essa inserção anterior permitiu a apreensão da dinâmica escolar e o contato com alguns dos educadores presentes no

curso, possibilitando a construção de vínculos mais aproximados com esses e uma maior compreensão do que era urgente ser dialogado no âmbito da instituição.

Logo, com uma proposta de curso, cuja temática era originária das dependências da própria instituição, a aderência a este foi imediata. E, no momento em que as ações referentes ao curso se desenvolveram, não houve grandes dificuldades de construir um espaço, em que os sujeitos se sentissem a vontade para expor seus pensamentos, por parte das proponentes.

Contudo ressaltamos a necessidade de ações com continuidade que permitam novas reflexões e o surgimento de práticas diferentes sobre a temática. A maior dificuldade na realização deste trabalho, diz respeito ao tempo para execução das atividades. Inicialmente, o curso foi pensado para ocorrer ao longo do semestre, com encontros mensais na escola, permitindo, assim, maiores aproximações com a temática e ações mais condizentes à realidade escolar. Contudo, devido às dificuldades de agenda dos proponentes do curso, bem como da própria escola, o evento passou por reformulações, abrangendo somente um dia de trabalho.

Neste sentido, compreendemos que o curso não obteve o alcance pretendido inicialmente, uma vez que tornou-se uma ação pontual, sem conexão com outras atividades desenvolvidas na instituição. Outro aspecto negativo a ressaltar é a ausência de continuidade da ação, com acompanhamento posterior aos profissionais envolvidos, dificultando a construção de práticas mais sólidas nesse campo.

Reconhecemos, enfim, as lacunas no projeto, contudo não descartamos sua relevância, posto que as possibilidades de discussões dessa natureza são muito raras no cotidiano escolar e devem ser melhor exploradas e aprofundadas. Para um primeiro momento, conseguimos atingir a meta de abrir o espaço de discussão sobre a temática, todavia, há que se preservar e ampliar tal espaço, tornando-o lócus permanente de debates e trocas de conhecimentos, práticas e sentimentos.

As dificuldades levantadas em tópico anterior requerem a construção de novas ações com maior articulação entre Universidade e Escola. Para as futuras ações, é preciso que haja maior disponibilidade de tempo de ambas instituições, bem como maior inserção da Universidade no espaço escolar. Acreditamos que, dessa forma, estaremos proporcionado uma maior consistência às proposições acadêmicas.

## REFERÊNCIAS.

ABRAMOVAY, M. Violência no cotidiano das escolas. In: ABRAMOVAY, M. et al. (org.). **Escola e Violência**. Brasília: UNESCO, 2002. p. 67-86.

AQUINO, J. G. (org.). **Diferenças e preconceito na Escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1998.

APOLINÁRIO, M. **A arte da guerra para professores**. Brasília: Thesaurus, 2007.

CHRISPINO, Á. Gestão do conflito escolar: da classificação dos conflitos aos modelos de mediação. **Ensaio: aval.pol.públ.Educ.**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 54, mar. 2007 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-40362007000100002&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362007000100002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mar. 2010.

CRITELLI, D. O ofício de pensar. In: **Rev. Educação: Hannah Arendt pensa a educação**. São Paulo: Segmento, n. 4, 2006, p.74-83.

ESTEVE, J. M. **O mal-estar docente: a sala de aula e a saúde dos professores**. Tradução de Durley de Carvalho Cavicchia. Bauru: EDUSC, 2004.

FREITAS, N. K. **Trajatórias de mestres**. **Revista Profissão Docente**, UESC., v. 5, n. 13 2007. Disponível em: <[revistajuridica.uniube.br/index.php/rpd/article/view/93](http://revistajuridica.uniube.br/index.php/rpd/article/view/93)>. Acesso em: 11 jun. 2011.

GÓMEZ, A. P. A função e formação do professor/a no ensino para a compreensão: diferentes perspectivas. In: SACRISTÁN, José Gimeno; GÓMEZ, Angel Pérez. **Compreender e transformar o ensino**. Tradução Ernani F. da Fonseca Rosa. 4. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998. p. 353-379.

\_\_\_\_\_. O pensamento prático do professor: a formação do professor como profissional reflexivo. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 93-113.

GONÇALVES, L. A. O.; SPOSITO, M. P. Iniciativas públicas de redução da violência escolar no Brasil. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, n. 115, mar. 2002. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742002000100004&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 20 mar. 2010.

GONÇALVES, M. A. S. et al . Violência na escola, práticas educativas e formação do professor. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 35, n. 126, dez. 2005 . Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15742005000300006&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742005000300006&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 mar. 2010.

MOSCOVICI, S. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Tradução de Pedrinho A. Guareschi. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.

NOVELI, P. G. A sala de aula como espaço de comunicação: reflexões em torno do tema. **Comunicação, Saúde, Educação**, v.1, n.1, 1997. The classroom as a space for communication: reflections on the theme. Interface.

NÓVOA, A. Os professores e as histórias da sua vida. In: NÓVOA, António (Org.). **Vidas de professores**. 2 ed. Portugal: Porto Editora, 1995. p. 11-27.

\_\_\_\_\_. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Org.). **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 13-33.

REGO, T. C. R. A indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana. In: AQUINO, J. R.G. (org.). **Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas**. São Paulo: Summus, 1996.

SCHÖN, D. **Educando o profissional reflexivo: um novo design para o ensino e a aprendizagem**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artes Médicas, 2000.

SPOSITO, M. P. Um breve balanço da pesquisa sobre violência escolar no Brasil. **Educ Pesq**, São Paulo, v. 27, n. 1, jun. 2001. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022001000100007&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 20 mar. 2010.

TULESKI, S. C. et al . Voltando o olhar para o professor: a psicologia e pedagogia caminhando juntas. **Rev. Dep. Psicol.,UFF**, Niterói, v. 17, n. 1, Jun 2005 . Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-80232005000100010&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-80232005000100010&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em 20 mar. 2010.

